

De Lira

O olhar de Stela diante do mundo era o de admirar-se no sentido mesmo que os gregos chamavam: *thaumazein*, olhar o mundo com estranheza, sair da cotidianidade, essa espécie de “tirania de um poder impessoal, anônimo” – expressão de Adão Lara – que quer nos modelar fingindo nos amparar enquanto nos sufoca:

Olha quantos estão comigo
Estão sozinhos
Estão fingindo que estão sozinhos
Pra poder estar comigo
(PATROCÍNIO: 2001, p. 65)

A partir da sensação, que é “a excitação mesma, não enquanto se prolonga gradativamente e passa à reação, mas enquanto se conserva ou conserva suas vibrações” (DELEUZE: 1992, p. 271), o que se tem é um composto de *afectos* e *perceptos* que podem ser considerados seres autônomos, independentes do criador, uma vez que atingiram um nível de distanciamento tanto em relação àqueles que o experimentam como àqueles que o experimentaram. Stela soube criar seres de sensação que têm vida própria, que pela sua auto-posição, conservam em si a vibração de um momento, a angústia de um instante.

Lá no portão eu disse
Quero pastar à vontade que nem camelo
Pra ver como é que fica o resultado da história da vida de Cristo
(PATROCÍNIO: op. cit. p. 113)

São esses seres, os *afectos* e os *perceptos*, ainda que não identificáveis, mas nem por isso inexistentes;

Como tornar um momento do mundo durável ou fazê-lo existir por si? Virginia Woolf dá uma resposta que vale para a pintura ou a música tanto quanto para a escrita: ‘Saturar cada átomo’, ‘Eliminar tudo o que é resto, morte e superfluidade’, tudo o que gruda em nossas percepções correntes e vividas, tudo o que alimenta o romancista medíocre, só guardar a saturação que nos dá um percepto, ‘Incluir no momento o absurdo, os fatos, o sórdido, mas tratados em transparência’, ‘Colocar aí tudo e contudo saturar’. Por ter atingido o percepto como ‘a fonte sagrada, por ter visto a Vida no vivente ou o Vivente no vivido, o romancista ou pintor voltam com olhos vermelhos e o fôlego curto.’ (DELEUZE: 1992, p.223)

Stela sabia delirar. E delirar, aqui, é uma saúde, é resistir aos desejos de manicômios, desejos que aprisionam a experiência da desrazão, impedindo a criação de modos de vida que produzam outros regimes de afeto, afirmando assim o “direito à desrazão” de que nos fala Pelbart:

O direito à desrazão significa poder pensar loucamente, significa poder levar o delírio à praça pública, significa fazer do acaso um campo de invenção efetiva, significa liberar a subjetividade das amarras da Verdade, chame-se ela identidade ou estrutura, significa devolver um direito de cidadania pública ao invisível, ao indizível, e até mesmo, porque não, ao impensável. (PELBART: 1993, p.89)

Stella soube fazer funcionar a lógica do afeto na palavra , através da vibração do corpo, experimentando com ele modos de devir: um corpo intensivo.